

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE? GUERRA EM SURDINA E BORIS SCHNAIDERMAN À LUZ DA REFLEXÃO ENTRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA DE TESTEMUNHO

Wanderson Ramonn Pimentel Dantas¹
Jobny Santana de Araújo²

RESUMO: O presente artigo pesquisa a relação entre história, memória e literatura de testemunho em Boris Schnaiderman e a sua obra, *Guerra em Surdina*. Nessa obra, o autor descreve as experiências dos soldados brasileiros na Itália, por meio da ficção. No intuito de entender o porquê de apresentar-se como ficção, investigamos o autor e a obra. O primeiro momento da pesquisa é apresentar os contextos e a influência na escrita do autor com base em Dominick LaCapra (2015). Num segundo momento, refletimos sobre o aspecto ficcional da obra com aporte em Walter Benjamin (2012) e Márcio Seligmann-Silva (2013), no sentido de compreender os motivos de contar as experiências de choque dos brasileiros em forma de literatura. Num terceiro momento, perscrutamos pela análise de pontos-chave da obra para compreender a sua dinâmica no argumento da brutalização do homem e combate ao mito da guerra.

PALAVRAS-CHAVE: História. Guerra. Literatura de testemunho. Força expedicionária brasileira. Boris Schnaiderman.

¹ Wanderson Ramonn Pimentel Dantas atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. E-mail: wandersonrpd@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9875-4051>.

² Jobny Santana de Araújo é Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, professor do curso de Licenciatura Universidade Federal do Piauí, membro do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil; e tutor do Programa de Educação Tutorial. E-mail: johnysant@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3082-1785>.

BETWEEN FICTION AND REALITY? GUERRA EM SURDINA AND BORIS SCHNAIDERMAN IN THE LIGHT OF THE REFLECTION BETWEEN MEMORY, HISTORY AND TESTIMONY LITERATURE

ABSTRACT: This article investigates the relationship between history, memory and testimony literature in Boris Schnaiderman and his work, *Guerra em Surdina*. In this work, the author describes the experiences of Brazilian troops in Italy, through fiction. In order to understand why it presents itself as fiction, we investigate the author and the work. The first stage of the research is to present the contexts and the influence on the author's writing based on Dominick LaCapra (2015). In a second step, we reflect on the fictional aspect of the work with contributions from Walter Benjamin (2012) and Márcio Seligmann-Silva (2013), in order to understand the reasons for telling the shock experiences of Brazilians in the form of literature. In a third moment, we look through the analysis of key points of the work to understand its dynamics in the argument of the brutalization of man and the fight against the myth of war.

KEYWORDS: History. War. Literary testimony. Brazilian expeditionary force. Boris Schnaiderman.

¿ENTRE LA FICCIÓN Y LA REALIDAD? GUERRA EM SURDINA Y BORIS SCHNAIDERMAN A LA LUZ DE LA REFLEXIÓN ENTRE MEMORIA, HISTORIA Y LITERATURA DE TESTIMONIO

RESUMEN: Este artículo investiga la relación entre la historia, la memoria y la literatura testimonial en Boris Schnaiderman y su obra, *Guerra em Surdina*. En este trabajo, el autor describe las experiencias de los soldados brasileños en Italia, a través de la ficción. Con el fin de entender por qué se presenta como ficción, investigamos el autor y la obra. El primer momento de la investigación es presentar los contextos y la influencia en la escritura del autor basada en Dominick LaCapra (2015). En un segundo paso, se reflexiona sobre el aspecto ficticio de la obra con las contribuciones de Walter Benjamin (2012) y Márcio Seligmann-Silva (2013), con el fin de entender las razones para contar las experiencias de choque de los brasileños en forma de literatura. En un tercer momento, examinamos el

análisis de los puntos clave del trabajo para comprender su dinámica en el argumento de la brutalización del hombre y la lucha contra el mito de la guerra.

PALABRAS CLAVE: Historia. Guerra. Testimonio literario. Fuerza expedicionaria brasileña. Boris Schnaiderman.

INTRODUÇÃO

A Força Expedicionária Brasileira foi a única tropa de infantaria sul-americana a embarcar para a guerra além-mar. Em 1944, uma divisão de infantaria e outros elementos divisionários composta por 25.445 homens em cinco escalões rumou ao Teatro de Guerra dos Apeninos italianos. Passados mais de 70 anos do retorno dos expedicionários ao Brasil, podemos constatar atualmente um considerável crescimento de pesquisas contemplando questões relacionadas à história e à memória da FEB. Neste contexto de expansão, desenvolvemos uma pesquisa voltada para a História da Memória e Historiografia da FEB. Vários expedicionários que escreveram suas memórias vivem numa constante guerra contra o tempo, e, nesta luta, muitos têm se voltado para a necessidade de contar suas experiências como soldados na Itália. Dentre as memórias que analisamos, tivemos contato com uma em especial: escrita por Boris Schnaiderman, o autor de *Guerra em Surdina*.³

A perplexidade nos aparece na forma estética em que a obra se apresenta: a literatura. O quadro de obras, como *Memórias*, do general Mascarenhas de Moraes (1969), e *Do Terço Velho ao Sampaio da FEB*, do tenente-coronel Nelson Rodrigues de Carvalho (1953), se enquadram nos gêneros textuais: relato de memória, diário ou crônica. Deste modo, *Guerra em Surdina* nos levou ao seguinte questionamento: por que utilizar a literatura? A leitura apressada nos pôs diante de um problema que só a análise da estrutura pode fornecer. Isto porque alguns estudos se voltam

³ A primeira edição da obra foi publicada no ano de 1964 e é sobre ela que se deterá a análise. Existem, porém, no universo editorial, mais três outras edições: a segunda e a terceira pela Editora Brasiliense em 1985 e 1995, respectivamente; e a quarta pela Editora Cosac Naify. Além do mais, há um livro do autor que se denomina *Cadernos Italianos*. Este seria um livro de memórias do autor, no qual somente os dois últimos capítulos falam da FEB.

para questões poéticas, como, por exemplo, Ivone Gomes de Assis (2009) e as imagens da personagem João Afonso. O conhecimento do contexto pela autora é demasiado interessante, mas é preciso explorá-lo para entender que *Guerra em Surdina* é fruto de inúmeras experiências do autor. Experiências que a guerra acentuou. Por vias contrárias, acreditamos que o problema é outro: há nesta questão o trauma, a experiência de choque e, acima de tudo, o tempo.

Deste modo, urge descrever como será nosso proceder daqui por diante. O artigo está organizado em três momentos. O primeiro momento pretende realizar a contextualização do nosso objeto. A partir de então, lançamos mão de Dominick LaCapra (2015), segundo o qual, atesta-se a necessidade do historiador de conhecer profundamente o problema dos contextos. Um contexto, somente, não é o suficiente para analisar o que determinado autor escreveu e por que escreveu. Cabe-nos destrinchar a experiência em sua nuance, entender como o autor se identifica com o que escreve.

A segunda parte recairá sobre o porquê de ter escolhido a literatura. Acreditamos que não foi uma escolha aleatória. Segundo Walter Benjamin (2012, p. 245), “[...] nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento de barbárie. E, assim como o próprio bem cultural não é isento de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante”. A barbárie se manifesta em *Guerra em Surdina* no sentido do embrutecimento do homem, portanto, a relação entre o real e o fictício na obra aproxima-se da Literatura de Testemunho. À vista disto, nos utilizaremos da contribuição de Márcio Seligmann-Silva (2013), ao qual grande parte das obras literárias do século XX possui caráter especial justamente pela reflexão das experiências propostas pela temporalidade às pessoas que vivenciaram a violência na sua face mais intensa. Márcio Seligmann-Silva, neste sentido, acredita que a razão da sobrevivência e a forma como os autores retratam as experiências de morte está no fato de refletir o trauma.

Contudo, há um fator que ajuda o “narrador” a transformar *Erfahrung* (experiência) em *Erlebnis* (vivência): o trauma, que encontra em Walter Benjamin (2012) uma equação importante composta por dois

lados. Quanto a esse fator, nos interessa perceber a experiência de choque, termo definido pelo autor ao analisar Baudelaire e o *Les fleurs du mal* (1989). Atento à cultura do Pós-Grande Guerra, ele pensa o efeito da violência na organização do mundo moderno a partir do seu *modus operandis*, a técnica e a máquina a serviço da potência bélica. Neste sentido, é importante entender que *Guerra em Surdina* apresenta uma reflexão filosófica muito próxima a Liev Tólstoi, a qual o autor acredita ser seu ponto mais forte: a reflexão sobre o caráter humano na guerra.

O último momento trata de entrar no âmago da obra para perscrutá-la munido de uma resposta à entrevista concedida a' *O Jornal* em 1965. O autor afirmou que escreveu a obra com o intuito de falar sobre algumas “verdades amargas”, assim, urge o questionamento: o que seriam estas “verdades amargas”? Fazemos, então, a análise do texto no intuito de compreender alguns pontos escolhidos pelo autor para reforçar a hipótese do caráter humano do soldado brasileiro. Seu objetivo é combater o mito fortalecido pelo “Exército de Caixas”.

BORIS SCHNAIDERMAN: DO ENGENHEIRO AO PROFESSOR

Boris Solomonovitch Chnaiderman⁴ nasceu no ano de 1917. Ele foi natural de Úman na Ucrânia e também tinha ascendência judia⁵. Logo após a Revolução Russa, a família fugiu para Odessa e de lá tiveram o destino final no Brasil em 1925. O motivo da fuga ocorreu devido aos *Pogroms*⁶ perpetrados contra a comunidade judaica no Leste Europeu. Ele confessa que o Brasil se tornou a alternativa pelas poucas opções de fuga em virtude do aceite do visto de um primo seu já residente no Brasil (SCHNAIDERMAN, 2015). A procura por uma nova terra acendia a

⁴ Em entrevista, o autor afirma começar a utilizar esse nome em 1959, depois de ter feito a sua primeira tradução. Preferiu utilizar um pseudônimo por julgar que a tradução não atendia às expectativas que ele almejou (SCHNAIDERMAN, 2015).

⁵ Por mais que se considerassem judeus, eles não tinham formação religiosa judaica (SCHNAIDERMAN, 2009).

⁶ Os *pogroms* são massacres que são oriundos da idade média contra os judeus. Aconteciam, maciçamente, contra comunidades inteiras. Boris Schnaiderman afirma terem aumentado com a revolução e logo após a guerra civil.

esperança de atenuar as dificuldades. No entanto, este desejo demorou a se consolidar. Boris confessou a um entrevistador ter passado um dos períodos mais difíceis em decorrência das dificuldades que a família passou em estabelecer-se no Brasil. Elas incidiram de tal modo que a obrigaram a deslocar-se três vezes, levando-os do Rio de Janeiro a São Paulo, retornando ao primeiro destino (SCHNAIDERMAN, 2009).

Ele afirmou ter crescido rodeado de livros e isso influenciou no desejo de estudar literatura. Todavia, alguns problemas o impediram momentaneamente de realizar o sonho: o primeiro ponto é que a família precisava sobreviver, isto o induziu a estudar Engenharia Agrônômica na Escola Nacional de Agronomia porque seria uma “profissão aceitável na sociedade” (SCHNAIDERMAN, 2009, p. 16). Estudar Literatura o levaria à Faculdade de Filosofia. Esta instituição na década de 1940 foi alcunhada como “perfumaria”, “coisa de moças”, porque atividades relacionadas às Letras e à educação encontravam-se definidas socialmente nos critérios da divisão sexual do trabalho.

Formou-se em 1940, numa turma paraninfada por Getúlio Vargas (AGRONOMANDOS, 1940). Deste modo, pouco após sua formatura, Boris Schnaiderman precisou trabalhar e isto o levou a esbarrar num problema: era um estrangeiro e, para exercer sua profissão, devia naturalizar-se brasileiro e “sentar praça” no Exército. Fora destas condições, o “diploma não valia nada” (SCHNAIDERMAN, 1995, p. 283). O problema acentuou-se pela ascendência russa: a consequência direta deste problema se deu na profunda crise de identidade que sofreu por muitos anos. Segundo o autor, “todo russo era considerado suspeito” (SCHNAIDERMAN, 1995, p. 283). Com a guerra na Europa, acirrou-se a desconfiança dos estrangeiros. O sentimento anticomunista, o “flerte” com o fascismo aguçou um ódio que a invasão da URSS pelas tropas alemãs possa ter atenuado, justamente pelo alinhamento dos soviéticos aos Aliados.

O final do século XX foi momento de consolidação da nacionalidade, portanto, tornou-se um período complicado para estrangeiros no Brasil. Com base na ciência eugênica, pretendia-se formar o corpo da pátria, o tipo físico brasileiro a partir da mistura das raças (CASTRO, 2012). Os

que não eram brasileiros deveriam naturalizar-se: a solução do problema. Além do mais, o acirramento político causado pela ascensão de partidos de inspiração fascista, nacional e internacionalmente, punha o país em estado praticamente constante de sítio. O aparelhamento do Estado Novo é fundamentado nesta matriz política que pretendia fortalecer o aparelho estatal e criar um “novo” Brasil (CAPELATO, 2010).

Boris naturalizou-se em 1941, mas, para consolidar este processo, faltava somente o serviço militar. Segundo Celso Castro (2012), a nova lei do Serviço Militar passou por reformulações e uma delas é o certificado militar para requerer direitos civis. Deste modo, nenhum homem em idade militar poderia ser nomeado a um cargo civil se não tivesse quite com os deveres da pátria. E, em 1939, foi instituída a nova lei do Serviço Militar que exigia por parte do estrangeiro o cumprimento até mesmo para tirar carteira de identidade. Havia duas possibilidades de cumprimento: pelo ingresso na caserna ou pelo Tiro de Guerra. A segunda opção era o que chamavam de “preparação mais branda, permitido a quem quisesse” (SCHNAIDERMAN, 2009), ao contrário do treinamento pesado exigido para os praças nos batalhões⁷. Inclusive, havia outro ponto importante: além de jovem, possuía diploma de ensino superior. A formação já o qualificaria para o serviço no Centro Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR) no Rio de Janeiro. No entanto, sua formação como oficial esbarrou no fato de não ser brasileiro nato.

Após o serviço militar, especificamente em julho de 1942, pleiteou, junto ao Ministério do Trabalho e ao Ministério da Agricultura a permissão para trabalhar como professor, a qual chegou a ser aceita pelos ministérios. Todavia, outro fator o impediu de exercer sua profissão: a declaração de guerra do Brasil ao Eixo, em agosto de 1942. Depois de inúmeras ações da *Kriegsmarine*⁸ no oceano atlântico, incorrendo no afundamento de navios

⁷ Os CPOR e o NPOR – Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva são lugares destinados à formação dos jovens como oficiais do Exército. Ambos eram responsáveis por formar oficiais retirados da sociedade para exercer funções específicas num modelo de Exército Profissional. Havia um desejo, por parte dos dirigentes, de profissionalização do Exército que seria um meio copiado do Exército americano. O CPOR pertencia às sedes das regiões. O NPOR era mais comum nos batalhões espalhados pelo Brasil.

⁸ Marinha de guerra alemã.

da Marinha mercante brasileira. Segundo Vagner Camilo Alves (2002), o Brasil estaria diante do processo de envolvimento na guerra, da qual não se beneficiou da autonomia política por seu caráter periférico diante das potências beligerantes. A comercialização de insumos com os EUA, como borracha e café, arrastou o país para a guerra. Além do mais, o governo brasileiro tinha necessidade de fortalecer as Forças Armadas desde a subida de Getúlio Vargas ao cargo máximo do Executivo. O processo de participação do Brasil na guerra tornou real a possibilidade de se rearmar mediante um processo de “barganha” política com os norte-americanos.

Até 1942, o Estado-Maior do Exército (EME) não almejou o envio de tropas para além-mar. Houve, sobretudo, uma preocupação primordial com a defesa do Nordeste. Se evocarmos o ponto de vista estratégico, havia um grande temor de bombardeios e invasão aérea, além do perigo que rondava os mares. A cessão de bases aéreas em Natal aos *yankees* e o estabelecimento de planos de defesa em todo o Nordeste fizeram parte das primeiras ações para prevenir-se contra a guerra. No entanto, o Exército brasileiro dotava-se aproximadamente de 60.000 homens. As condições dos quartéis e dos homens exigiam reformulações urgentes por parte do EME (BONALUME NETO, 1995; CASTELLO BRANCO, 1960).

O cenário modificou-se em 1943. Com a Comissão Militar Mista Brasil-EUA⁹ e o estabelecimento de obrigações e incumbências de cada um dos países na guerra, formulou-se um plano de formação de um Corpo de Exército, constituído de três divisões de infantaria e uma divisão blindada, tudo isso na possibilidade de fornecimento de armas pelo programa do *Lend-Lease*¹⁰. Criada a FEB, pela Portaria Ministerial 47-44 de 9 de agosto de 1943 (MORAES, 1947), estabeleceram-se as diretrizes gerais para a formação da tropa brasileira cujo plano incidia na arregimentação de homens oriundos das 1ª, 2ª, 4ª, e 9ª Regiões Militares

⁹ Em tese, havia duas comissões: a *Joint Brazil-United States Defense Commission* – JBUSDC, em Washington; e outra no Rio de Janeiro, a Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos (*Joint Brazil United States Military Commission* – JBUSMC). As duas eram responsáveis por estabelecer diretrizes conjuntas com relação à defesa do Atlântico (ALVES, 2002; DUARTE, 1971).

¹⁰ O *Lend Lease Act*, em português corresponde à Lei de Empréstimo e Arrendamento. Como os EUA não estavam em guerra, esta lei permitia a comercialização de armas e insumos mediante acordo. A lei entrou em vigor em 1941.

(CASTELLO BRANCO, 1960). Ficou, então, estabelecido que o ingresso nas tropas expedicionárias fosse por meio da convocação individual e do voluntariado. Neste ínterim, Boris Schnaiderman havia se alistado ao serviço militar e tinha curso para sargento: ter o curso e estar na 1ª Região foram condições que tornaram inevitável ir à guerra.

Aliás, ele desejava a guerra: “isso era convicção; era preciso lutar, mas não fui como voluntário” (SCHNAIDERMAN, 1995, p. 283). Com isto, ele e os pouco mais de 100 mil homens passaram pelos exames médicos de Juntas Militares para organização da tropa. O detalhe, no qual convergem várias obras, se dá na rigorosidade dos exames e do porte físico aceito. Segundo César Campiani Maximiano (2010), o começo da seleção exigiu dos médicos uma nomenclatura exclusiva dos classificados: a “Classe Especial”. Os não inclusos nesta categoria designar-se-iam ao serviço no Exército. O problema é que os padrões de saúde convencionados pelo *US Army* se impuseram exigentes, de modo que houve uma incompatibilidade com as características físicas da população masculina. Muitos não atenderam as exigências. Existe um abismo no qual serviços essenciais, como saneamento básico e cuidados com a saúde, não faziam parte da agenda dos brasileiros.

A baixa cadência de voluntários exigiu certo relaxamento dos padrões para se aproveitar o máximo possível. Chegou-se ao ponto de providenciar dentaduras a alguns febianos por não possuir arcada completa. E, entre os problemas: a tropa expedicionária demorou a se reunir em um só lugar sob comando do general João Batista Mascarenhas de Moraes. Boris Schnaiderman (1965) lamentou profundamente que alguns indivíduos se utilizaram de todas as medidas possíveis para se evadir da obrigação, como exemplificou Demócrito Cavalcante de Arruda (1960), em práticas de compadrismo e influência política e militar sobre o resultado nas convocações, uma vez selecionados, não impedia a fuga: o que ficou muito claro com as várias transferências de homens. Para completar claros nas tropas expedicionárias, muitas vezes era preciso recorrer à transferência de homens de outras regiões não-originárias da tropa destinada à Europa, por exemplo, soldados das regiões militares no Nordeste.

Boris Schnaiderman percebeu estes problemas. A sua convocação, do mesmo modo, se deu de forma muito rápida, como destaca neste trecho:

A convocação foi a coisa mais estranha que se possa imaginar. *Na realidade a convocação, praticamente ocorreu às vésperas do embarque.* Houve exames de saúde muito complicados, muito prolongados, e o resultado destes exames não poderia ter chegado ao quartel por ocasião do embarque e, comigo, embarcaram muitos que não tinham condições físicas para ir à guerra; pessoas doentes, pessoas que não tinham um dedo e que, depois, foram recambiados. Era o ano de 1944 (SCHNAIDERMAN, 1995, p. 284, grifo nosso).

Práticas muito comuns, o próprio general Mascarenhas de Moraes (1947) confessa e enfatiza os graves erros que permearam a criação e a viabilização da tropa expedicionária. Aliás, não foram os primeiros. Muito menos os últimos. Mas, de todo modo, o terceiro-sargento artilheiro e calculador de tiro, seguiu com a tropa expedicionária em 2 de julho de 1944, juntamente com o II Grupo do 1º Regimento Obuses Auto Rebocados no navio-transporte americano *USS general Mann*.

Findada a guerra em 1945, o sargento artilheiro passa a condição de ex-combatente. Retorna ao Brasil após ganhar a guerra sobre o inimigo alemão. Os soldados desembarcaram em terras tupiniquins com a FEB dissolvida. Segundo Francisco César Alves Ferraz (2012), este fez parte do primeiro processo de desmobilização. O problema consiste no não seguimento dele. O clima de euforia se agitou a ponto de receber os “heróis” do Brasil com muita festa. Durou pouco. Foi preciso que o Estado operasse medidas de reintegração destes soldados na sociedade civil, o que não aconteceu como deveria. Restou aos ex-combatentes a reclusão, o silêncio, o descaso e a pilhéria.

Após o licenciamento, não havia lei que amparava os expedicionários. O dinheiro dos soldos não durou o suficiente. Muitos dos que se encontravam empregados perderam seus empregos, por mais que o governo houvesse garantido a permanência. Diferente de

outros expedicionários, Boris destacava-se por não ser analfabeto. Por ser um homem letrado, a necessidade o levou a trabalhar no jornalismo, especialmente para a Agência *Tass* – Agência Telegráfica da União Soviética – coordenada por Yúri Kalúguin. Mais tarde, deixou este serviço para ajudar o pai com a venda de livros russos, e, logo após, mudou-se para Barbacena, onde foi nomeado, interinamente, como agrônomo e dirigiu o Núcleo de Agricultura da Escola Agrotécnica de Barbacena em 1948. Foi exonerado em 1955. Para Schnaiderman, a “Agronomia era o ganha-pão, embora tivesse certo gosto pelo trabalho”. Ele mantinha, ainda, outro desejo, porém, as condições não se desenharam para tal. Passado pouco tempo em Minas, voltou para São Paulo por vitupério da mãe da sua primeira esposa, Regina, que foi diagnosticada com câncer. O retorno o fez voltar à condição de desempregado.

Posteriormente, viu um anúncio de jornal sobre a tradução de verbetes para uma enciclopédia de uma editora norte-americana. Neste tempo, passou a trabalhar com traduções porque:

Conhecia bem a língua russa e, aos poucos, comecei a traduzir. Duas traduções minhas saíram publicadas antes de eu ir para a guerra e, na volta, continuei traduzindo sob pseudônimo. Só em 1959 saiu o meu primeiro livro assinado com o meu nome, mas eu ainda não estava satisfeito com o resultado (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 17).

Boris Schnaiderman descontentou-se com elas ao ponto de traduzir sob pseudônimo. Pelo fato de ser um autodidata, teve que trilhar caminhos, testar, errar. E, por mais que vislumbre isso como algo ruim, teve um efeito benéfico como escritor e como tradutor. O destaque das traduções e do que escrevia o levou à Universidade de São Paulo na abertura do curso de russo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Além do mais, *Guerra em Surdina* nasceu num momento extremamente caótico. Em 1964, consuma-se o golpe da casta militar. Boris Schnaiderman relata que chegou a ter a sala de aula invadida pelos policiais. Sua reação contra tal desvario foi a de protestar, ao que foi preso (SCHNAIDERMAN, 2015). Seu percurso o fez cursar um doutorado em Letras e foi orientado por

Antônio Candido, se bem que Schnaiderman afirma não ter sido orientado de fato porque “ele disse que eu conseguiria defender sozinho e que apenas assinaria minha tese” (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 28). Defendeu-a em 1971, sob o título *A poética de Maiakóvski através de sua prosa*.

Por mais que *Guerra em Surdina* se volta para refletir a guerra, não podemos dizer que ela é fruto de um recorte exclusivo deste momento histórico. A experiência vivida do indivíduo é um complexo resultado do tempo e das memórias. Relação que muitas vezes se reveste de caráter problemático, porque depende do sujeito e da forma que deseja compô-la. Neste sentido, procuramos explicar que o fato de escrever como ficção, não exime o autor de compor/recompôr reminiscências. Cada indivíduo compõe conforme sua carga cultural, como, por exemplo, a literatura. O objetivo de Boris Schnaiderman é mostrar como a experiência de choque mudou para sempre a vida de soldados que sobrevivem dentro de dois problemas: o mito e o silêncio.

GUERRA E FICÇÃO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Esta segunda parte do estudo objetiva responder ao problema dos motivos que levaram Schnaiderman a escrever sobre os brasileiros na Segunda Guerra, por meio da literatura. O autor, por ser um homem das Letras, constantemente estava presente em revistas, jornais com colunas, entrevistas e matérias. As que obtivemos contato apresentam um questionamento como ponto de convergência: a estética da obra. A partir disto, citaremos aqui uma entrevista em 1965 concedida a *'O Jornal do Rio de Janeiro*. A entrevista tem como objetivo extrair alguns comentários de Schnaiderman sobre sua vida e obra. Ao todo, foram quatorze perguntas, mas a sétima nos chamou a atenção porque o entrevistador questiona o entrevistado sobre o porquê de escrever a obra. Ele responde, à guisa da representação:

Eu quis contar a história dos homens que iam para a guerra sem saber por que e para que faziam tudo aquilo e mostrar como esse fato se refletiu nos diversos tipos de personalidade

que se viram nessa contingência. *Creio que em nosso meio, houve sobre a guerra um excesso de palavras grandiloquentes, de verdades convencionais, de fatos narrados com a finalidade expressa de contribuir para a criação de um mito* (SCHNAIDERMAN, 1965, p. 2, grifo nosso).

Este excesso de palavras grandiloquentes se daria em que sentido? Boris Schnaiderman crítica o estado da arte das memórias atuais. O que ele chama de *mito* estaria de acordo com a tradição e historiografia militar. Uma forma de preservar as raízes e consolidar, por meios militares, a formação da Nacionalidade e do Estado-Nação. Algumas obras febianas partem do princípio de refletir a experiência expedicionária dentro da ideia de pátria, sacrifício e a camaradagem das unidades febianas. Schnaiderman acredita que isso é a criação de um mito. Por isso, sua preocupação é falar a respeito do caráter humano na guerra através da experiência de choque de um combatente.

“*Modern Warfare is a potential generator of memories*”¹¹ (MARRIDALE, 1999, p. 61): a Guerra Total um fenômeno do século XX deixa clara a possibilidade de um amplo arcabouço de memórias sobre um mesmo conflito. Portanto, não seria nenhum desvario entender que algumas composições divirjam uma das outras. Isto faz parte das várias de um conflito de memórias. Entretanto, entender o ponto de inflexão da reflexão que Schnaiderman propõe com *Guerra em Surdina* parte de premissas de uma obra anterior.

A matriz crítica da obra tem base no livro *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*, lançado em 1959 – a edição que utilizamos é de 1960. Os capítulos são compêndios de vários oficiais da reserva que serviram na FEB e que editaram o livro visando tecer críticas ao Exército, ao Estado e aos comandantes por algumas falhas que marcaram o desempenho da tropa expedicionária. O livro chegou a ser proibido pelo general Eurico Gaspar Dutra, justamente pelas críticas ácidas, mas não são voltadas para os comandados. A leitura deste texto também influenciou Schnaiderman a escrever *Guerra em Surdina*.

¹¹ “A Guerra Moderna é geradora potencial de memórias” “tradução nossa”.

Dentre os importantes capítulos contidos na obra, nos reservamos ao escrito pelo advogado e 1º tenente da FEB, José Goes Xavier de Andrade, “O Exército da FEB e Espírito de “Caxias”. O Duque de Caxias, o herói e patrono do Exército Brasileiro seria considerado o modelo de “soldado” a ser seguido (1960). Goes critica o espírito de Caxias que julgava algo completamente avesso ao soldado, como símbolo da disciplina exacerbada. Durante os primeiros anos do pós-guerra, a “caxiagem” se provou ser nociva ao ex-combatente. Dirige-se críticas a escritos como o do tenente-coronel Nelson Rodrigues de Carvalho, escritor de *Do Terço Velho ao Sampaio da FEB*. Nesta obra, o autor faz um trabalho de história do Regimento Sampaio – 6º Regimento de Infantaria, levando o nome do general Sampaio. A obra corrobora com a construção da memória de Caxias. Há um episódio curioso relatado pelo autor: o Duque estava sendo retratado por um pintor. O trabalho desagradou aquele que questionou o pintor: “onde é que o Sr. já me viu de botão desabotoado, mesmo que seja em combate? Abotoei êste botão e eu acertarei o quadro!” (1953, p. 63).” Caxias era o soldado sempre bem disciplinado. Este episódio foi reforçado e repassado aos expedicionários inspirando-os a se tornarem soldados de Caxias: disciplinados, aguerridos, inflexíveis.

A oblação e o sacrifício constantemente evocados pelos escritores, com a demonstração de bravura e de determinação do soldado brasileiro, seria esconder a *experiência de choque* por meio do fortalecimento de um “mito”. Esta é a crítica de Schnaiderman: os soldados não eram “Caxias”. O Exército de “Caxias” colaborava com o governo e o mantinha no poder. Mas, para além da crítica do mito, Schnaiderman critica outro problema: o silêncio e esquecimento dos expedicionários. Boris ficou desamparado como ex-combatente, via o mesmo nos seus colegas. *Guerra em Surdina* seria uma tentativa de mostrar ao público amplo que o ex-combatente, por mais que tenha saído da Itália vitorioso, não deixou de combater. O combate se dava pela sobrevivência, pelo descaso e pelo escárnio que o esquecimento da guerra os proporcionou. Ele queria refletir homens diante da guerra.

Por que, então, a literatura? Responder este questionamento nos leva a problematizar uma crítica publicada no jornal *Correio da Manhã*

(1965), especificamente, na seção intitulada “Revista de Livros”. Na coluna “Memórias” encontra-se um texto cujo título é “Entre a ficção e a realidade”, identificado pelo autor de iniciais F.C. O texto aborda a charada que *Guerra em Surdina* apresenta aos seus críticos por não saberem como rotular a obra: uns afirmavam ser um romance; por outro lado, alguns afirmavam ser uma narrativa de campanha entre a ficção e a realidade.

O resenhista não se absteve. Ele ousou fazer uma análise do texto: sua escrita é uma “descrição ficcionística”, reforçou que o estilo é comum na Europa, consolidando-se como Literatura de guerra. Por estar mais atinada aos padrões europeus de escrita, a obra do eslavo-brasileiro se distingue de ambos os gêneros supracitados pelo simples fato de que “no Brasil, o que tem havido são, sobretudo, reportagens ou *meros* relatos memorialísticos” (F.C., 1965, p. 2). Neste fato reside o diferencial de *Guerra em Surdina*: uma mescla de estruturas literárias com um pouco do romance. Boris sempre foi questionado sobre o fato de ser um romance. A isto, afirmava que a crítica ficaria a critério do seu emissor. Por ser amplo o critério do romance, alguns afirmavam ser, mas ele não pretendeu escrever um romance.

Numa entrevista ao *Correio da Manhã*, novamente questionaram-no sobre a obra. No entanto, perguntaram-no se ela se apresentava ao público como uma autobiografia, ao que Boris Schnaiderman responde:

Não é bem uma autobiografia, mas é *baseado na minha experiência pessoal*. Se fosse escrever uma autobiografia, eu teria me concentrado no problema da imigração, mas não era esse o meu tema, eu queria escrever sobre a guerra. Então, fiz um livro de ficção (SCHNAIDERMAN, 1965, p.1, grifo nosso).

E completa

A literatura não pode deixar de lado as *verdades amargas*. [...] Se eu tivesse a sorte de me defrontar com uma realidade que não fôra ainda examinada de maneira como eu apresento, se eu a vi e senti como ela parece em ‘Guerra em Surdina’

tornava-se o dever fazer das fraquezas fôrças, e apresentar, dentro das minhas possibilidades, aqueles aspectos da realidade nacional que pude perceber (SCHNAIDERMAN, 1965, p. 1, grifo nosso).

Neste ponto, Boris Schnaiderman nos leva a entender que a preocupação principal dele não se dá com a representação do real em si, mas em refletir a experiência de choque obtida com a guerra por meio da literatura. Em especial, a literatura do século XX, que tem profunda relação com esta temporalidade, cujo amálgama se condensa com auxílio do testemunho.

O que chamamos de experiência de choque remonta à construção do argumento de Benjamin (1989) sobre Baudelaire e sua poesia. Nesta construção, ele se apropria da psicanálise freudiana nos estudos da consciência e do trauma, que, aliás, são caros ao Seligmann-Silva (2013). Neste sentido, convergimos em classificá-la como uma literatura de testemunho porque o autor sentiu a necessidade de refletir conscientemente o trauma da guerra, de modo a manifestar uma realidade: que a guerra brutaliza os homens, que os leva a uma guerra interior e que há um mito a ser combatido. A obra tem forte cunho cultural do autor. Todavia, contém substrato, ou melhor, raiz na experiência de choque. *Guerra em Surdina* seria o testemunho, a literatura de testemunho de um febiano que viveu a guerra e pretendeu contar sua experiência vivida (*erlebnis*) por meio da literatura. O substrato reflexivo da obra é puramente filosófico: a personagem te induz a pensar junto com ela os efeitos da guerra refletidos nas suas ações, e omissões. A consciência manifestou neste evento-choque o medo, a miséria, a degradação humana, a fome, a morte, entre outros pontos.

Há, ainda, outro ponto importante: o caráter filosófico da obra. Boris Schnaiderman era conhecido por suas traduções de autores russos: Tchekov, Gógol, Pushkin, Maiakóvski, Dostoiévski, Tolstói. Numa entrevista concedida a Antônio Abujamra no programa *Provocações*, o autor é questionado a comentar sobre alguns destes autores. Sem dúvida, o que nos levou a compreender um dos motivos de escrever *Guerra em Surdina*, inspirando uma proposta tão filosófica, nos remete a Liev Tólstoi e sua

influência sobre o autor. Boris afirma que o traço filosófico é uma marca da literatura do século XIX (2012), mas dentro das diretrizes que seleciona para sua obra, *Liev Tólstoi* e o que melhor se encaixa. Boris o conhecia profundamente¹², e deixa claro nas entrevistas que concede sobre literatura que é um grande autor porque se encarrega de fazer uma crítica ao caráter humano. Não podemos apontar que há uma obra específica para tal, mas poderíamos dizer que há alguma proximidade entre *Guerra e paz* e *Contos de Sevastopol*. O que une as duas obras é a profunda crítica à condição humana na guerra, o ambiente histórico no qual elas se fundamentam, ou seja, é em Tólstoi que Schnaiderman encontra subsídios para expor as “verdades amargas”, substratos presentes em *Guerra em Surdina*. Fica claro o porquê de o autor explicar que queria expor suas “verdades amargas”. Resta-nos, neste momento, entender quais são elas.

GUERRA EM SURDINA: A EXPERIÊNCIA DOS BRASILEIROS NA GUERRA DESCRITA PELA LITERATURA

A edição por nós analisada corresponde ao ano de 1964, lançada pela editora Civilização Brasileira. Obra de caráter simples, em suas orelhas encontra-se uma resenha de Mário da Silva Brito, o diretor editorial. O livro apresenta-se direto aos leitores, sem prefácios ou qualquer outro tipo de texto introdutório. A obra é dividida em 19 capítulos aos quais listaremos: 1. Homens ao Mar; 2. Guerra em Surdina; 3. Pecado? Glória?; 4. Sem Quartel nem Compaixão; 5. Comércio; 6. Escola do Soldado; 7. Ódio aos Homens; 8. Trogloditas; 9. Prêto e Branco; 10. Frangalhos na Neve; 11. Reflexão em Silla; 12. Assassínio; 13. Rei por uma Noite; 14. A Cadeira Italiana; 15. Pés Frios, Coração Quente; 16. Fora de Forma; 17. Mêdo; 18. Naufrágio; 19. Paz? Também em Surdina?.

A estrutura dos capítulos segue os marcos cronológicos da expedição brasileira; o ponto de partida é a seleção, a campanha da Itália e o foco principal e, por fim, o retorno dos ex-combatentes. Esta estrutura é comum à obra dos expedicionários que contam as experiências da campanha.

¹² Schnaiderman escreveu um pequeno texto que aborda vida e obra de *Leão Tólstoi: antiarte e rebeldia*.

Neste ponto, pouco se difere sua obra, por mais que se apresente ao leitor como literatura. Como um bom livro de literatura, Boris Schnaiderman está atento aos detalhes, às pequenas ações. Seu objetivo consistiu em levar o leitor a mergulhar profundamente na inflexão da obra, bem à moda tolstoniana: expor o processo de desumanização do homem com a guerra. A ficção se apropria do real e o questiona, leva os personagens às últimas consequências. Seu universo gira em torno do personagem principal da história, o cabo João Afonso, o acadêmico de Medicina foi convocado para a FEB onde passou a combater como o cabo-artilheiro. Entretanto, não se resume a um único personagem: nas descrições também aparecem algumas outras personagens como Marcharré, Alípio, Alésio, Birundinha, entre outros.

Boris imita sua referência até na própria produção. Ele segue um mecanismo próprio de escrita, sem estar apegado a questões estéticas. Podemos comprovar esta questão pelo *modus operandis* da narração, que muda constantemente. Esta suposição se baseia na sua capacidade de alternar sujeitos e momentos: em certa altura do texto, se apresenta como primeira pessoa com lúcidas reflexões, noutros, como terceira pessoa; muitas vezes, como uma espécie de descrição de pensamentos ansiosos, atabalhoados, denotando certo desespero; noutros pontos da obra foi possível identificar o gênero textual diário. Este recurso tem como fim mostrar até que ponto a guerra pode interferir na lucidez de uma pessoa, podendo leva-la, até, ao estado de estupor: mostrar a guerra na sua “Surdina”, silenciosamente.

Ele circunscreve na necessidade de expor “verdades amargas”, procura mostrar a guerra interna do homem em face à desgraça proveniente da guerra. O título, que, por sinal, é sugestivo, aborda uma guerra que se apresenta em João Afonso desde quando convocado, até porque a “guerra se trava no íntimo de João Afonso” (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 93). Boris se cerca de ambição com seus objetivos, mas eles não giram em torno da necessidade de implodir um mito: o mito construído na galhardia e no heroísmo do soldado brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Visão esta com a qual não concorda, mas repudia. Ele procura evidenciar que não era a “juventude de ferro” do professor Kantorek (REMARQUE,

1981), mas sim jovens brasileiros com outras necessidades e aspirações que se viram diante da guerra.

O estranhamento da guerra se dá ainda no começo. O processo de seleção dos homens para a tropa expedicionária, em sua opinião, foi um tanto desleixado. Neste caso, Boris justifica sua ideia ao relatar os exames de João Afonso, quando os homens fariam os exames de fezes e urina, nos quais ambos compartilhavam da mesma urina, ou utilizavam-se de artifícios para mostrar que não estavam em condições necessárias para ingressar na tropa expedicionária. Os padrões físicos sobressalentes eram estipulados pelo *US Army*, afinal, a tropa brasileira deveria ser organizada segundo padrões desta arma.¹³ Muitos deles foram relaxados, o que os levou a não conseguirem alcançar tal modelo. A situação sanitária do Brasil não condizia com referências tão elevadas.

Os primeiros conflitos em João Afonso começavam a aparecer neste momento. Boris Schnaiderman enfatiza a disputa que a personagem travava com os soldados comuns pelo simples motivo de fazer guerra. João Afonso, acadêmico de medicina, homem letrado e esclarecido depositava confiança nas instituições democráticas de direito e nos poderes instituídos. Contudo, sabia que o regime era o Estado Novo e, instaurado por golpe. *In essentia*, antidemocrático, mas isto poderia ser resolvido. O importante era difundir valores democráticos nos soldados, instigá-los ao valor da luta. Os soldados o escutaram a ponto de achar pura tolice. Ele percebeu isso, o que o deixou perplexo:

Todos se admiravam com meu entusiasmo. Enquanto os meus companheiros deblateravam contra o governo que os vendera poder dólares, para lutar numa guerra com a qual

¹³ O Exército Brasileiro passou por profundas modificações no começo do século XX. Os dirigentes mantinham o desejo de modernizar a arma (não só o Exército) dentro dos padrões europeus de combate. Anteriormente a Primeira Guerra Mundial, o Exército enviou oficiais para Alemanha, para se especializarem. Esta missão foi chamada de “Missão Indígena”. Com o alinhamento do Brasil contra os alemães, e uma aproximação com a França, o governo Brasileiro contratou a Missão Militar Francesa em 1921 com duração até o início da Segunda Guerra Mundial. Para mais informações, cf. (BONALUME NETO, 1995; CASTELLO BRANCO, 1960).

nada tínhamos a ver (“eles são brancos, que se entendam”), eu não procurava convencê-los da justeza daquela convocação. Não era fácil. Ia-se lutar pela democracia, mas, para efetivá-lo, sair-se-ia de um país submetido à tortura. Falava-se em aliados, mas o que os homens do povo viam era o soldado estrangeiro pisando território da sua pátria, numa condição quase de ocupante, fazendo ressaltar a fartura da sua terra ante a miséria do país ocupado. Democracia e liberdade eram palavras com sentido diverso em minha bôca e nos ouvidos dos meus companheiros (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 6-7).

João Afonso se mostrava um bom patriota. Sabia do seu dever, acreditava na democracia, mas sabia que não havia. Boris Schnaiderman lançou uma ironia aos seus leitores, pois busca reflexão. O sentido disto o leva a questionar o valor da guerra para o acadêmico e para o letrado. Cada qual sabia o porquê de ser convocado, e os iletrados, os moços do campo e afins tinham posição sobre ela: desdenhavam da guerra, por não ter “nada haver com ela” (“eles são brancos, que se entendam”). Como matar alguém que você nunca viu? Que nunca te fez nenhum mal? A questão dos alicerces, o espírito patriótico era mais evocado pelos estudantes, que participaram das movimentações populares em reação aos alicerces. No entanto, na hora “H”, foram os primeiros a declinar do esforço de guerra. A personagem João Afonso se dá conta disso. Aos poucos, mesmo que inicialmente discordasse dos seus colegas de armas.

João Afonso compartilhou das mesmas aflições que os soldados. Os pequenos hábitos e deveres cotidianos de um militar mostraram-se um grande incômodo a ele. O embarque no “monstro”, apelido da embarcação que levou os brasileiros até o porto de Nápoles, já mostrou as “séries” da “Escola do Soldado”. Neste sentido, nos capítulos 5 até o capítulo 9, Boris destina a narrar a travessia e o estabelecimento no acampamento de Vada, na Itália. Ele lança mais outra reflexão sobre o processo de desumanização na guerra. A personagem mostra os vários passos que um soldado passa até a animalização: a perda da privacidade, o sentimento de desdém, o enrijecimento das feições, passos estes que levam

os soldados a descerem “degraus”. O primeiro marco deste episódio é o julgamento que João Afonso faz da personagem Marcharré, que vendia bolachas a preços abusivos enquanto soldados penavam na embarcação, afinal, eles só tinham direito a duas refeições: uma pela manhã, outra à noite. Mas, sempre quando Marcharré era questionado sobre os preços abusivos, respondia:

Não sou eu que quero, quem manda é a *Coordenação da Mobilização Econômica*¹⁴. (Não há revolta nem amargura, nesta alusão ao órgão oficial encarregado da “mobilização econômica”, às roubalheiras do regime ditatorial) (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 36).

Se a coordenação se utilizava de artifícios para aumentar os preços de produtos essenciais durante a guerra, porque Marcharré não o faria? Ao pensar este questionamento, João Afonso fez crescer em si a indignação, o asco; mas ele conseguia entender: na escada da desumanização, ele seria só mais um a caminho dos degraus mais baixos. Por isto, este processo crescia *pari passu* ao ódio e este sentimento foi semeado pela convivência com os oficiais, como ressaltado anteriormente. O livro *Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB* (1960) expõe o problema da dicotomia entre o Exército da FEB e o de “Caxias”. Na caserna, o Exército funciona como uma instituição total (GOFFMAN, 1974). Havia algumas diferenças entre comandantes e comandados em função da hierarquia. Assim, a patente gerava alguns privilégios que os praças não gozavam. Com a FEB, houve também certa tendência à continuidade, mas havia um problema: a organização brasileira deveria ser de tipo americano. No *US Army* existiam patentes, mas a relação entre os oficiais foram as mais próximas, deveriam, então, receber boa comida e manter a moral. Isto fazia parte das diretrizes de um Exército Profissional.

¹⁴ Com o clima de guerra e a possibilidade de luta armada, foi criada a Comissão de Mobilização Econômica. Sua função era controlar os recursos essenciais, arregimentar recursos para as forças armadas e incrementar o “clima” de guerra do ponto de vista econômico. Havia um *front* interno e sua importância visava a intervenção do governo na nutrição da população (CYTRYNOWICZ, 2000).

João Afonso percebeu isso. Os soldados também. Como também esteve atento à aproximação dos oficiais, muitas vezes, timidamente. No entanto, por mais que houvesse essa prerrogativa, o mundo dos oficiais ainda era bem distante dos soldados, e a distância destes mundos, às vezes, evidenciava certa mágoa. Durante a estadia diante de Silla, João Afonso percebe o capitão fazer uma anotação depois de solicitado o tiro. Ele:

Vai rabiscando a caderneta do capitão, fazendo uma porção de cálculos. Em seguida, vira-se para o capitão e o major:
– Imaginem, saiu caro o bombardeio. Que desperdício: noventa e seis contos, para trazer um sargento com dois homens feridos! (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 36).

Qual deveria ser o preço de um soldado morto na guerra? Um cabo? Um sargento? Ao refletir sobre a morte, ele chega à conclusão de que sua estadia, tudo o que acreditava ou aquilo que havia levando a guerra só mostrou agregar nenhum sentido. João Afonso chega a níveis de questionamentos profundos, compreende o desdém da guerra por parte dos seus camaradas. Na escada da troglotização, que Boris Schnaiderman denuncia, o protagonista dá passos largos aos níveis mais profundos. As dúvidas, os questionamentos e problemas que cercaram os expedicionários preenchem o personagem. Por outro lado, sabia que tinha uma obrigação a cumprir: não com o comando, ou com o presidente. O dever se sustentava no véu da camaradagem, se sustentava no homem ao lado. A camaradagem, “tão confortadora em muitas ocasiões, tornou-se rotina” (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 109).

Nas várias reflexões, João Afonso se vê pequeno diante de um morro que consumou vidas brasileiras: o Monte Castelo. A personagem descreve inúmeras vezes o quanto o “espírito da Montanha” e a sua crueldade mostraram-se baluartes intransponíveis. Os Brasileiros, depois de tentativas malfadadas de tomar o “morro maldito”, tiveram que estacionar nas imediações, esperar o inverno passar, mas isso não os impediram de não fazer guerra. Neste ponto, João Afonso descreve o despreparo que as tropas do restante da 1ª DIE passaram: frio, falta de recursos, inexperiência, medo, e pouca instrução seguida de entrada

na linha de frente; tropas novas chegavam repletas de soldados não acostumados às artimanhas do inimigo, oficiais despreparados para a tarefa de comandar geravam inúmeras falhas. Chegou-se até mesmo ao pânico de deixar as posições com todo o equipamento e desbaratar numa corrida morro abaixo¹⁵. Segundo João Afonso, estes só não resistiram porque não estavam brutalizados o suficiente.

O embrutecimento os levou a níveis profundos, ou melhor, a degraus profundos. Conquanto, até este sentimento encontrou dúvidas em João Afonso. Tais dúvidas permaneciam quando se referiam aos refugiados, ou *sfolati* em italiano. Nas reminiscências febianas, sempre estão presentes as relações com os civis italianos. João Afonso viu os olhares curiosos dos italianos. Aliás, o sentimento com relação aos soldados brasileiros era dúbio: ao mesmo tempo em que circulava a curiosidade, circulava, também, o medo. A tropa brasileira estava num dispositivo do Exército que tinha as mais variadas nacionalidades. Dentre as várias tropas, os brasileiros se destacaram, primeiramente, por terem uniformes parecidos com os dos alemães; segundo, porque tinham afro-brasileiros entre as linhas. As propagandas alemãs espalharam o perigo que era o soldado brasileiro e, sobretudo, o negro: um assassino e violentadores perversos. A fome e a miséria despertaram nos brasileiros a comoção. Contudo, o que esperar de homens brutalizados?

João Afonso perde-se em seus sentimentos. O ritmo da guerra, seus pensamentos o traem. Este, é o momento que Boris Schnaiderman tenta com seus recursos conduzir o leitor aos mais profundos pensamentos da personagem. Após a tomada do Monte Castelo, a tropa brasileira conseguiu tomar a montanha e trilhava o vale do Rio Serchio em perseguição aos soldados alemães derrotados. A guerra ainda está em curso. A personagem perde o controle da consciência, entrega-se ao turbilhão de pensamentos em meio a necessidade de efetuar os cálculos:[...] eu não tenho mais noção de tempo nem de espaço, de vez em quando

¹⁵ Sobre este episódio, é interessante ler um capítulo sobre a tomada de Monte Castelo, Cf. (MORAES, 1947; BERTA; 1960; CASTELLO BRANCO, 1960).

Birundinha torna a puxar-me pela manga ora com o café, ora com o almoço ou o jantar de noite vem a notícia de que o Castelo é nosso, ouço exclamações de alegria, o major Passos diz que assim nem é vantagem, com tanto tiro, mas nada disso me atinge, nem a alegria dos companheiros, nem a ducha fria que lhes procura dar o major, vêm novas listas de objetivos recém-batizados, é preciso manter a posição conquistada, precaver-se para o caso de um contra-ataque e preparar a ação seguinte sobre La Serra, mas uma noite sem dormir, mais cálculos, vagas notícias, vozes que chegam de longe e que eu ouço como que num sonho, contra-ataque, vão retirar os feridos, viaturas alemãs, o chão que estremece com o bombardeio, as granadas que continuam zunindo por cima do telhado, os meus olhos bem abertos, concentrados na carta, as linhas que teimam em se embaralhar, mais um dia, mais cálculos, mais notícias, não sei que horas são, talvez umas quatro da tarde, digo a Borboleta dê um jeito de me substituir, capitão, desço a escada e jogo-me na estrada, em frente de casa, quando acordo está tudo escuro, devem ser sete ou oito da noite, torno a subir a escada da CT, mais cálculos, dias e noites sucedendo-se em confusão, mais notícias vagas chegando de um mundo distante, tomamos La Serra, começou o contra-ataque, situação perigosa (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 36).

A guerra chegou ao fim. Tudo aquilo estava a ponto de acabar. Soldados saíam das cidades italianas sobre domínio dos aliados cometendo o que são chamadas “tochas”: corriqueiras, mas ilegais. Eram passíveis de punição. João Afonso e alguns companheiros veem a oportunidade de conhecer a França, no entanto, ao traçar o caminho se vê renhido de suas vontades. Acompanhado da miséria, ela o leva ao desespero, a ponto de renunciar a tudo o que ele desejava nos caminhos do velho continente. Tudo isso para voltar a deitar em um colchão sem o medo de morrer, sem o temor da patrulha, sem a sujeira da terra com neve, sem o fim de congelar os dedos. O soldado, cujo mito ressalta a bravura e os sentimentos honoríficos, vê-se pequeno em meio ao turbilhão que foi a guerra. Afinal, ele só queria paz, gozar do conforto.

Finalizada a guerra, os brasileiros passaram pouco tempo na Itália. Afinal, para além das responsabilidades da guerra, era necessário manter a ordem por não havia um governo estabelecido: havia perseguição e prisão dos alemães remanescentes, havia diversas brigas internas que incluíam os *partigiani*, não haviam serviços estabelecidos e todos os tipos de tropa circulavam com os *sfolati*. Ademais, João Afonso tinha dificuldades sobre como ele relataria tudo o que viu. Via os italianos chamando-o “*Salvatore*”, “*bravi i buoni brazilliani*” (SCHNAIDERMAN, 1964). Isto o irritava. Perguntava-se sempre sobre o heroísmo de alguém que, do começo ao fim da campanha, tinha como fiel companheiro o medo.

O retorno foi, inclusive, preenchido por ele devido ao perigo dos submarinos remanescentes no mar. Todavia, isso contrastou com o clima de animação do retorno. O Rio de Janeiro preencheu-se de festa. O clima foi de pura euforia na recepção dos heróis: lanchas e vários navios saudando os expedicionários, o povo queria adentrar as docas, fazer contato com eles ainda na embarcação. Não houve, porém, permissão. E nisso, João Afonso percebe algo que o deixa taciturno. Ao marchar pelas ruas, percebeu que os policiais que faziam isolamento para a passagem da tropa eram os mesmos que, tempos atrás, realizaram repressão aos contestadores do regime político, os “*Ferrabrazes*” da Polícia Especial. João Afonso se assusta e percebe o quão irônica é esta situação: aqueles que o caçavam quando acadêmico, agora o protegem.

No clima de festa, no esforço para desfilar entre constantes investidas para beijos e abraços, João Afonso permanece na indiferença, e mais, se questiona sobre o que sentia e via, porque não entendia a alcunha do herói quando não fez mais que sua obrigação:

Afinal, o que foi que eu fiz? Estive em terra estranha, quando me diziam para atirar, atirei, quando me ordenavam recuar, obedeci também, senti frio, medo, solidão, e foi só. O homem sente-se pequeno e mesquinho, e os compatriotas fazer dêle um herói, quase uma figura de lenda (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 205).

“[...] e os compatriotas fazem dêle um herói”: aqui está a frase que redundava na crítica de Boris Schnaiderman ao que fizeram com o pracinha brasileiro. Construíram o mito, a história de um combatente brasileiro que não condiz com o que teve na sua experiência de choque. Ele não pretende, mesmo assim, reduzir os feitos de seus camaradas. João Afonso entende suas dores, entende seus problemas e, principalmente, o que se tornou a guerra após sua volta. Eles não foram amparados devidamente pela sociedade civil. Chegou-se ao ponto de duvidar da experiência da guerra, pelo fato de muitos voltarem gordos ou sem ferimentos. Cultivava-se a ideia do “passei pela Itália” com escárnio, chegando a ter a obrigação de explicar o que fez na guerra para comprovar que estiveram lá. Tudo o que restou aos soldados brasileiros foi a solidão, o desalento, o desprezo de alguns dos seus oficiais. “Não adianta, João Afonso. Você está só, irremediavelmente só” (SCHNAIDERMAN, 1964, p. 213).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guerra em Surdina nos mostra que a literatura também pode refletir sobre a guerra. Mesmo uma divisão de infantaria, como a FEB, pequena em comparação com os outros aliados. A causa de Boris Schnaiderman é firme no sentido de levar o leitor a refletir sobre a guerra a partir de João Afonso: além de escrever sobre as memórias evidenciando combater o silêncio, ele também tem a necessidade de combater o mito. A guerra terminou, mas permaneceu a guerra contra o tempo, contra o esquecimento.

Relatar por meio da ficção não diminui a obra. O efeito é outro: o caráter do testemunho enriquece-a. A proposta de reflexão filosófica enraíza-se na sua carga cultural alimentada pela experiência, especialmente na sua relação mais íntima com o trauma. Suas pretensões são ambiciosas no sentido de fornecer ao leitor chaves de questionamento da experiência humana na guerra e dos seus efeitos no que chamamos de processo de brutalização do homem, justamente um dos efeitos da literatura de testemunho: manifestar a realidade, fornecer subsídios para conhecer a face mais humana da guerra.

Os personagens, em essência, nos mostram, como cada trilhó, o que ele chamou de “escada da desumanização”. E, no fato de utilizar-se desse critério para escrever, manifesta a necessidade de combater memórias convencionadas denominadas de “oficiais”. Para ele, o soldado na linha de frente não é o herói da epopeia. Ele sofre, ele chora. Passa frio e fome. Acima de tudo, ele sente medo. Boris Schnaiderman, o ex-combatente, o tradutor e o escritor legam para a literatura brasileira um livro que reflete o soldado, a instituição e o conflito: a condição humana nas últimas consequências.

REFERÊNCIAS

- AGRONOMANDOS de 1940 da Escola Nacional de Agronomia. *O Campo*, Rio de Janeiro, dezembro de 1940, p. 64. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083291/10731>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- ASSIS, Ivone Gomes de. *Guerra em surdina: a ficção de Boris Schnaiderman entre a política e a poética*. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2014.
- ARRUDA, Demócrito Cavalcante de.; MORAIS, Berta. *Et al. Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a F.E.B.* 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci Publicações, 1960.
- ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. v. III Obras Escolhidas. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Carlos Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- BONALUME NETO, Ricardo. *A Nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1995.
- CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: o que trouxe de novo? In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge; *et al.* *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 107-143.
- CARVALHO, Nelson Rodrigues de. *Do Terço velho ao Sampaio da FEB*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1953.
- CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.
- CASTRO, Celso. *Exército e nação: estudos sobre a história do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- CASTRO, Celso. *A invenção do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- F. C., Entre a ficção e a realidade. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1965, Memória, 2º caderno, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/089842_07/65712. Acesso em: 22 set. 2019.
- FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)*. Londrina: EDUEL, 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.

- LACAPRA, Dominick. Retórica e História. *Revista Territórios & Fronteiras*. Trad. Eduardo Ferraz Felipe e Tiago Ponce de Moraes Rio de Janeiro, n. 1, jan.-jun. 2013, p. 97-118.
- MARRIDALE, Catherine. War, death and remembrance in Soviet Russia. In: SIVAN, Emmanuel; WINTER, Jay. *Et al. War and Remembrance in the Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Publisher, 1999. p. 61-83.
- MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Grua, 2010.
- MORAES, João Batista Mascarenhas de. *A F.E.B. pelo seu comandante*. 2. ed. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.
- MORAES, João Batista Mascarenhas de. *Memórias*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.
- PROVOCAÇÕES com Boris Schnaiderman. *Provocações*. São Paulo: TV Cultura. 1 de agosto de 2012. Programa de TV. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/6208_provocacoes-189-vom-boris-schnaiderman-bloco-01.html. Acesso em: 25 dez. 2019.
- REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Trad. de Helen Rumjanek. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Autor e obra. Entrevista concedida a O Jornal. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1965. Caderno 3, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_06/41815. Acesso em: 22 jun. 2019.
- SCHNAIDERMAN, Boris. In: Entrevista. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 43, n. 1, p. 15-25, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000100002 Acesso em: 5 jan. 2020.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

- SCHNAIDERMAN, Boris. In. Memórias de um ex-combatente. Entrevista concedida a Neldson Marcolin. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 246, p. 24-29, junho, 2015. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2015/10/14/boris-schnaiderman-memorias-de-um-ex-combatente/>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Minha guerra: lembranças de um soldado. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. Trad. de Paula Bernardes Sória, Silvana Finzi Foá e Henrique Carneiro. São Paulo: Xamã; FFLCH-USP, 1995. p. 283-292.
- SILVA, Márcio Seligmann. Testemunho: entre a ficção e o real. SILVA, Márcio Seligmann. *Et al.* In: *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 371-385.

Texto recebido em 11/02/2020 e aprovado em 19/05/2020